



# ZORRO POLICIAL

APRESENTADO POR LIMA RODRIGUES



## Abertura

Pois é verdade, caros Sherlocks: eis a vossa página!

No desejo de agradar sempre e cada vez mais aos nossos leitores, aqui estamos hoje satisfazendo os anseios daqueles que pelas «coisas» policiais nutrem especial afeição. Esperamos que esta iniciativa mereça a vossa carinha e apelo e, por isso, ficamos a aguardar as vossas notícias. Escrevam-nos, dando ideias, sugestões e manifestando as vossas preferências... que nós cá estamos!

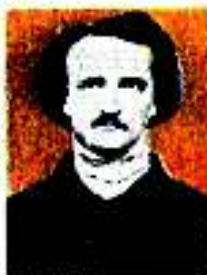
*Lima Rodrigues*

## OS ESCRITORES POLICIAIS E AS SUAS CRIAÇÕES

Nascido em Boston, a 19 de Janeiro de 1809, Edgar Allan Poe foi o «Pai» da literatura policial.

Incompreendido como quase todos os génios, não foi a sua vida um manancial de alegrias, pois nunca conheceu uma vida estável e decente.

Foi, apesar de tudo, um grande poeta e um contista emérito, que nos legou — para além do enredo das suas histórias — páginas de magnífica literatura, seja qual for o campo em que a observamos.



Em Abril de 1841, publicou Poe o conto «O Duplo Crime da Rua Morgue», mundialmente considerado como sendo a primeira história policial conhecida. Nesse conto, criou ainda o protótipo do detective intelectualizado, observador, genuíno modelo do detective cerebral, que mais tarde (cerca de meio século depois) Sir Arthur Conan Doyle tornaria imortal com o seu Sherlock Holmes. Talvez até porque foi o primeiro detective a vir ao mundo pela pena de um escritor, não conhece C. Auguste Dupin a fama de que disfrutava Sherlock Holmes. Estamos,



aliás, certos de que seria essa a sua vontade, tanto mais que gostava de se sentir na sombra, no escuro. Na verdade, só assim julgava poder distrair o espírito e lia os seus livros (a sua grande paixão) à luz de velas. Resolveu Dupin, além do «caso» da «Rua Morgue», «O Mistério de Maria Roget», e o da «Carta Roubada».

## A ÚLTIMA MENSAGEM

Uma pobre velhinha maltrapilha vendera flores a uma esquina durante anos a fio. Não a vendo aparecer no lugar do costume, a polícia resolveu investigar. Encontraram-na morta na acanhada água-furtada onde residia e concluíram que morrera em pleno sono. No entanto e ao recolherem as suas roupas, alguém observou: «Há alguma

coisa aqui na bainha do casaco!». Desmancharam a bainha rapidamente e encontraram o seguinte bilhete: «Então vocês pensam que todas as velhas vendedoras de flores, quando morrem, deixam 50 mil dólares escondidos dentro do casaco?».

## DESCUBRA A CONTRADIÇÃO

1.ª — Certa senhora, ao sonhar que se afogava, assustou-se tanto que morreu de síncope cardíaca em pleno sono.

2.ª — Na sua habitual ronda nocturna, o agente da Scotland Yard surpreende, de súbito, um meliante que tenta forçar a porta de um estabelecimento. Sacando do revólver, dá-lhe voz de prisão, sem que se verifique resistência.

3.ª — Em que livro da Bíblia se lê a história de Abel que mata Caím?

## QUESTIONÁRIO

1.ª — Como se chama o narrador das histórias de Sherlock Holmes?

2.ª — Quem foi o criador da figura de Perry Mason?

3.ª — Qual o detective cuja aspiração é ser cultivador de abóboras?



Entre todas as respostas certas que nos forem enviadas no prazo de 10 dias, sortearemos 3 livros policiais.

## CURIOSIDADE

Durante o julgamento de um criminoso num tribunal de Nova Iorque, há alguns anos, o promotor público tentara provar, por qualquer motivo que não vem ao caso, que o réu era «provador» de perfumes, isto é, especialista em reconhecer aromas diversos. O advogado da defesa, no entanto, conseguiu, de maneira curiosa, provar o contrário: chegando ao tribunal, deu ao



rêu dez frascos, contendo diversos líquidos de odores bastante conhecidos, e pediu ao acusado que os identificasse. Sucede, porém, que o esperto causídico dera ao réu, em primeiro lugar, um frasco que continha gasolina, sabendo-se que as emanações desta embotam de tal maneira o olfacto que se torna impossível distinguir qualquer odor, durante algum tempo...

## A POLÍCIA E O LABORATÓRIO

Longe vão já os tempos em que a maioria dos criminosos cometia os seus delitos numa quase certeza de impunidade, pois as provas que poderiam levar à condenação um indivíduo suspeito, resumiam-se, praticamente, no facto de ele ter sido ou não apanhado em flagrante.

Hoje, a polícia dispõe de métodos que tornam aproveitáveis os mais leves indícios e que muitas vezes são suficientes para provar a culpabilidade — e quantas vezes a inocência — de prováveis criminosos.

De facto, desde o microscópio, às análises, à anatomia e mesmo à própria fotografia, dispõe a polícia moderna de laboratórios e pessoal que fazem da criminologia uma verdadeira e apaixonante ciência.

No desejo de mostrar alguns dos aspectos mais interessantes da moderna criminologia, contamos poder apresentar-lhes no próximo número o primeiro de uma série de pequenos artigos que denominaremos «A Polícia e o laboratório».

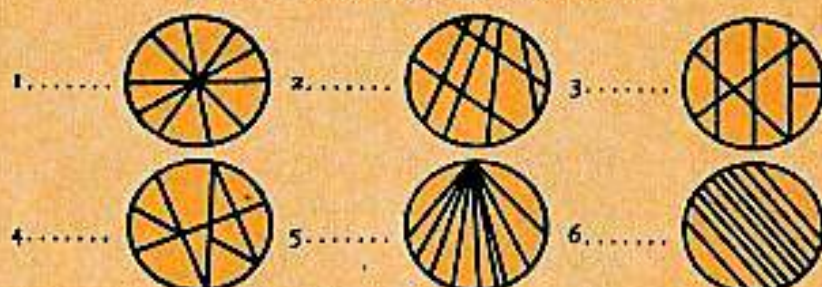
Teremos assim ocasião de lhes ministrar algumas das mais elementares noções sobre dactiloscopia, criptografia, grafologia, antropologia, balística, etc., bem como dar-lhes a conhecer homens que se tornaram famo-

so pela sua dedicação à causa da «ciência ao serviço da justiça». Desfilarão ainda alguns casos célebres, para cuja solu-

ção a ciência contribuiu, provando assim que o crime não compensa e que o Bem há-de sempre sobrepor-se ao Mal.

## TESTE

Observe durante 30 segundos...



e responda às seguintes perguntas:

- 1.ª — Quais as circunferências que estão divididas em maior número de partes?
- 2.ª — Quais as que estão divididas em menor número?

### SOLUÇÃO

- 1.ª — As circunferências n.º 2 e n.º 3.
- 2.ª — As quatro restantes.

## PROBLEMA POLICIAL

Levados pelo desejo de apresentar de vez em quando um problema policial, oferecemos hoje aos nossos prezados leitores um pequeno enigma que servirá de «rodagem» para os que se lhe seguirão e que terá para nós a vantagem de podermos avaliar verdadeiramente do vosso interesse por esta tão útil como agradável modalidade.

Assim, suponhamos que um dos leitores fazia parte de um grupo de exploradores em missão de estudo na selva amazônica. O grupo era composto por três exploradores e três carregadores índios, nos quais os exploradores não depositavam confiança.

A certa altura, deparou-se ao grupo um caudaloso rio infestado de pirangas. Para o atravessarem, dispunham apenas de uma pequena piroga que não podia levar mais de duas pessoas de cada vez. Mas como

resolver o assunto, se dos índios só um sabia remar e se aos exploradores não convinha que em cada margem estivessem (fosse em que circunstância fosse) em inferioridade perante os índios?

### SOLUÇÃO

- 1.ª — Vão 2 índios remar.
- 2.ª — Vem o índio que sabe remar.
- 3.ª — Leva o outro índio.
- 4.ª — Vem o índio que sabe remar.
- 5.ª — Vão dois exploradores.
- 6.ª — Vem um explorador e um índio que não sabe remar.
- 7.ª — Vai um explorador e o índio que sabe remar.
- 8.ª — Vem um explorador com um índio que não sabe remar.
- 9.ª — Vão dois exploradores.
- 10.ª — Vem o índio que sabe remar.
- 11.ª — Leva um índio.
- 12.ª — Regressa e vai buscar o outro índio.